

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA AMAZÔNIA: A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-PA

Thiago Silva da CRUZ¹

122

Resumo

A produção e as transformações do espaço urbano ocorrem a partir da atuação de vários agentes que se relacionam entre si, entre eles encontra-se a Igreja Católica que durante todo o processo histórico esteve presente reconfigurando a paisagem urbana e influenciando significativamente a formação da cidade de Conceição do Araguaia. A atuação dos missionários religiosos contribuiu fundamentalmente para o surgimento do núcleo inicial e a formação dos primeiros bairros que mantém suas características originais até os dias atuais, onde serviram de suporte para a posterior expansão do espaço urbano, desse modo, a Igreja Católica desempenhou relevante papel para formação tanto social quanto espacial, ultrapassando o contexto espiritual e empregando características próprias na espacialidade de Conceição do Araguaia.

Palavras-chave: espaço urbano, Igreja Católica, formação, paisagem.

PRODUCCIÓN DEL ESPACIO URBANO EN LA AMAZONIA: LA INFLUENCIA DE LA IGLESIA CATÓLICA EN LA FORMACIÓN DE SOCIAL Y EL ESPACIO DEL MUNICIPIO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-PA

Resumen

La producción y la transformación de los espacios urbanos se producen por la acción de diversos agentes que se relacionan entre sí, entre ellas se encuentra la Iglesia Católica en todo el proceso histórico se presente reconfigurar el paisaje urbano y que influyen de manera significativa la formación de ciudad de Conceição do Araguaia. El papel de los misioneros religiosos contribuyó fundamentalmente a la aparición del núcleo inicial y la formación de los primeros barrios que mantienen sus características originales hasta nuestros días, en que apoyaría una mayor expansión del espacio urbano, por lo que la Iglesia Católica jugó un papel importante tanto para la formación social y espacial, superando el contexto espiritual y el empleo de las características de la espacialidad en Conceição do Araguaia.

Palabras clave: espacio urbano, Iglesia Católica, formación, paisaje.

INTRODUÇÃO

A formação do espaço urbano é algo complexo e dinâmico realizado por vários agentes que se relaciona entre si, compreender esse processo requer uma análise detalhada da participação desses agentes na organização e transformação das cidades. Partindo desse pressuposto essa pesquisa pretende compreender a participação da Igreja Católica Apostólica Romana na formação urbana de Conceição do Araguaia-PA.

Esse agente esteve presente desde a fundação exercendo importante papel na reprodução do espaço urbano, evidentemente que em alguns períodos com maior intensidade. O legado histórico deixado é imprescindível para o entendimento do conteúdo e forma de Conceição do Araguaia, assim, constata-se que na atualidade apesar do domínio dos agentes de reprodução do capital a Igreja Católica contribuiu significativamente para a formação e consolidação do espaço urbano.

¹ Graduado em Geografia/UEPA – e-mail: thiagocruz.geo@bol.com.br

Cabe ressaltar que a proposta desse trabalho não é engrandecer e/ou denegrir determinada religião, mas sim, analisar o início do processo de ocupação religiosa com a intervenção maciça dos mesmos na produção do espaço urbano, visando identificar as transformações sócio-espaciais ocorridas a partir desse processo.

Os objetivos específicos pretendem verificar como o advento dos religiosos dominicanos repercutiu sobre a cultura dos povos pré-existentes, além das características urbanas implantadas neste período, e de que maneira os religiosos atuaram no contexto espiritual e material influenciando no surgimento dos primeiros bairros da cidade.

Para alcançar os objetivos propostos, os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa em epígrafe foram organizados em etapas, iniciado pelo levantamento bibliográfico almejando fundamentar através de bases teórico-conceituais o trabalho.

Nas etapas seguintes foram realizadas pesquisas documentais sobre o processo histórico do município de Conceição do Araguaia que se caracterizou pela busca de documentos em órgãos como igreja, biblioteca municipal e galerias, a fim de compreender o advento dos missionários dominicanos e as ações realizadas posteriormente.

A pesquisa de campo sistematizou qualitativamente as informações fornecidas a partir da análise da complexidade dos fatos, sendo dessa maneira imprescindível na coleta de dados que auxiliaram na comprovação de observações empíricas do local em estudo, buscando informações com moradores antigos que possui experiências significativas sobre as mudanças ocorridas no município, além da captação de imagens fotográficas da paisagem.

As entrevistas semiestruturadas e abertas deixaram os moradores livres para responderem conforme sua linguagem e suas experiências sem opções pré-estabelecidas, desse modo, a contribuição dos entrevistados através dos relatos de suas próprias vivências foram relevantes para a consolidação da pesquisa.

A PRODUÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO URBANO E A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NA FORMAÇÃO DAS CIDADES AMAZÔNICAS

A formação do espaço urbano é resultante de complexos processos históricos dos agentes sociais que formam e usufruem desse espaço. Como a cidade é fragmentada e articulada mantendo fluxos de relações sociais e espaciais constantes, Corrêa (1995) enfatiza que a organização espacial da cidade não é reflexo apenas de relações do presente, mas

também das vivências do passado encontradas hoje nas formas espaciais impregnadas de simbolismos.

As cidades surgiram principalmente impulsionadas pelo sistema de produção capitalista, em um primeiro momento com a simples comercialização de produtos agrícolas, porém a evolução e o fortalecimento do capitalismo possibilitou o surgimento de complexas estruturas urbanas, em um conjunto de diversos usos da terra. Para Corrêa (1995) esses usos geram espaços fragmentados e articulados entre si, como o centro da cidade, áreas industriais, locais de concentração de atividades comerciais e espaços de lazer e entre outros. Essa complexidade de usos da terra é denominada de organização espacial da cidade, ou espaço urbano.

O conjunto de usos da terra não deve ser abordado partindo da simples observação do quadro físico do ambiente urbano, há análise da organização do espaço urbano compreende também o conteúdo das práticas sócio-espaciais que são impregnados de formas e conteúdos imprescindíveis para as ciências humanas, e principalmente para a ciência geográfica.

Segundo Carlos (2007), não se pode reduzir a abordagem do espaço urbano à reprodução do capital e ao domínio do Estado, isso esvazia o sentido da vida humana. A abordagem geográfica do urbano deve contemplar as relações sociais, pois é impossível pensar a cidade sem as reflexões sobre a produção social do espaço urbano. Porém, a acumulação de conhecimento a respeito do urbano não pode e nem deve ser desmerecida na sistematização das futuras obras sobre a cidade.

Os agentes que constitui o urbano estão cotidianamente se relacionando simultaneamente em diferentes pontos, onde o ponto de articulação tem sido tradicionalmente o centro da cidade. Cabe ressaltar que a formação do espaço urbano é fruto, não apenas das ações realizadas no presente, mas também daquelas ocorridas através de processos históricos que deixam marcas expressivas no espaço.

No entanto, a produção do espaço urbano, principalmente capitalista, por ser fragmentado e reflexo social é marcado como afirma Corrêa (1995) por extremas desigualdades sócio-espaciais, podendo ser mutável através da dinâmica exercida pela sociedade. Neste sentido, o espaço da cidade torna-se condicionante da sociedade gerando a reprodução das condições de produção e reprodução das relações de produção. A primeira com a existência de indústrias próximas umas das outras relacionando entre si, e a segunda com as áreas de segregações residenciais.

Para Rodrigues (1998) o “meio ambiente urbano²” é constituído por conjuntos de edificações com suas respectivas características, dotada de histórias e memórias, seus espaços de segregações com suas infraestruturas e equipamentos coletivos. Significando ao mesmo tempo imagens, símbolos e representações subjetivas e/ou objetivas. Compreende o urbano como sendo também um conjunto de normas jurídicas, com atividades públicas e políticas, que estabelece os limites administrativos das cidades, possibilitando o uso e o acesso ao consumo da e na cidade.

Para Corrêa (2006) no estágio em que o capitalismo se encontra é inegável o controle por parte das grandes corporações da dinâmica e gestão do território, se tornando os principais agentes na reconfiguração espacial. Porém, como afirma o próprio autor existe uma complexidade na produção do espaço urbano que envolve tanto as grandes corporações como movimentos sociais, culturais e religiosos, ou seja, apesar de agentes se sobreporem a outros não se caracteriza o monopólio no processo de formação urbana.

Neste sentido, o sagrado surge em determinados espaços, tornando-os religiosos, imprimindo-os uma ordem gerando lugares, territórios e itinerários sagrados, conforme indica Rosendahl (2012):

A construção do espaço sagrado nas ideias eliadianas ocorre por meio de processos simbólicos que refletem as características emocionais associadas às qualidades físicas do lugar, cuja transformação pode ser de dois tipos. O primeiro envolve a manifestação direta da divindade, uma hierofania em certas coisas, objetos ou pessoas. O locus da hierofania é reconhecido por indivíduos ou grupo de crentes. No segundo tipo, o espaço é ritualmente construído. Em ambos, o espaço sagrado contém dois elementos fundamentais: o locus da hierofania e seu entorno, que constitui a área vivamente utilizada para o crente realizar suas práticas religiosas e seu roteiro devocional (2012, p. 75).

Rosendahl (2012) afirma ainda que o espaço sagrado pode ser definido como um campo de força e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo para um meio além do que habita, onde a experiência do sagrado ultrapassa imagens, templos e santuários encontrando-se no domínio dos sentimentos e emoções do ser diante do mundo.

Para Rosendahl (2012) os espaços sagrados se qualificam em três níveis enquanto a sua localização: fixos, não fixos (móvel) e o imaginalis. As cidades-santuários, palácios, templos, cemitérios, memoriais, nomes de rua, bairros e praças podem constituir os fixos simbólicos, isto é, os lugares sagrados, enquanto as peregrinações, procissões, desfiles e marchas envolvem os espaços dos fluxos com mobilidade de pessoas e elementos simbólicos.

²Termo utilizado por Arlete Moysés Rodrigues (1998) para denominar o espaço urbano na obra Produção e Consumo do e no Espaço: Problemática Ambiental Urbana.

Em ambos se verifica a demonstração de fé expressa enraizada no contexto urbano. A mobilidade do espaço sagrado pode ser facilmente encontrada nas festas de padroeiros (as) por todo o mundo, com a festa religiosa se misturando a cultura local. Já o espaço sagado imaginalis consiste na familiaridade e nas experiências vividas no lugar, onde para grupos religiosos os monumentos e objetos possuem energia e poder que os qualificam e diferenciam de espaços comuns.

Nas concepções tradicionais o poder milagroso está nos espaços sagrados, onde os devotos apenas encontrariam o sagrado nesses espaços carregados de demonstrações do divino. Enquanto, na concepção pós-moderna o poder do sagrado pode ser encontrado dentro de si mesmo através das experiências espirituais, porém se manifestaria apenas nos espaços sagrados. Ambas as perspectivas apresenta ao devoto a necessidade de está sempre em deslocamento para os lugares sagrados para vivenciar o poder do divino.

Os lugares sagrados resultam de processos complexos de criação, interno ou externo, que envolve vários agentes sociais formadores e/ou consumidores de significados. Desse processo ocorre preservação ou transformação dos lugares simbolicamente construídos em diferentes status políticos, religioso, étnico ou histórico (CORRÊA, 2012).

No que se refere ao espaço profano este é definido como sendo distinto do sagrado, ou seja, o profano encontra-se fora do espaço sagrado. No entanto, estes dois espaços se relacionam entre si em uma relação semelhante a que acontece entre o centro e seu entorno, onde o espaço profano está diretamente vinculado ao espaço sagrado com serviços destinados aos peregrinos.

A difusão do sagrado acontece através do tempo e espaço contribuindo para a consolidação e expansão de espaços sagrados para outras áreas, como exemplo encontra-se o cristianismo, que surgiu na palestina e se difundiu por todos os continentes com maior ênfase a partir do século IV com o apoio do império romano e no século XVI com os missionários religiosos catequizando os povos do continente americano. Esse sagrado que se originou em tempo e lugar remoto difundiu-se espacialmente por diversas áreas da superfície terrestre, enfrentando barreiras naturais e restrições imposta pelo homem através de fronteiras políticas ou mesmo de outras religiões. Esse não é um processo apenas do passado, mas apresenta-se na atualidade com diversos grupos religiosos buscando a difusão de sua ideologia.

Conforme Rosendahl (2012) “o lugar sagrado está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por

uma comunidade religiosa”. Os valores simbólicos e as atividades religiosas estão fundamentalmente relacionados ao surgimento dos lugares sagrados na cidade, seja uma gruta, uma rua, uma floresta, um rio que se diferencia dos outros lugares por seus tributos qualitativos empregados de significados e representações que elevam o homem ao divino, sendo caracterizados com espacialidades próprias.

127

Os administradores do sagrado tendem a concentrar os meios de produção dos bens e serviços simbólicos gerando além do poder simbólico um poder financeiro através do capital religioso. Isso é uma das estratégias dos detentores do saber sagrado para assegurar sua autonomia e garantir a vivência da fé e o controle dos fiéis, enfatizando a identidade da sua ordem religiosa.

Nesta perspectiva ao classificar uma ordem religiosa como modeladora do espaço, torna-se possível reconhecer sua força e intensidade do poder desse agente na formação do território religioso, Rosendahl (2012) define território religioso, como sendo:

Espaços qualitativamente fortes, compostos de fixos e fluxos, e possuidores de funções e formas espaciais que constituem os meios por intermédio dos quais o território realiza efetivamente os papéis a ele atribuídos pelo agente social que o criou e controla (2012, p. 87).

O território significa um importante instrumento na vivência da fé estando fortemente ligada a identidade religiosa, isto é, o território religioso proporciona ao homem um sentimento de propriedade mútua, onde todos contribuem para a efetivação desse local sagrado. Desse modo, território e identidade estão intimamente ligados, entretanto, esses territórios são dinâmicos em constantes transformações não havendo rigidez neste processo, haja vista, que diversas instituições religiosas desenvolvem estratégias com a finalidade de conquistar e controlar a maior quantidade de pessoas que são chamadas de fiéis.

Geertz (1989) apud Corrêa (2012) afirma que “os membros de uma dada cultura e suas representações se apresentam e são vistos em intenso processo de comunicação”. As procissões, peregrinações e roteiros devocionais são característicos da comunicação religiosa sendo conhecidos por itinerário simbólicos, que são deslocamento no espaço de acordo com as tradições locais. Neste sentido, as manifestações simbólicas acontecem publicamente com percursos curtos ou longos, pois a distância apresenta-se de maneira secundária, onde a fé nos benefícios posteriormente e/ou anteriormente conquistados impulsionam a caminhada.

Enfim, a formação sócio-espacial a partir do sagrado marcou a humanidade durante praticamente todo seu processo histórico com características e identidades próprias. A

abordagem do sagrado pela Geografia, então se faz necessária, pois as categorias de análises geográficas estão cada vez mais evidenciadas com os espaços do sagrado e profano, os territórios e territorialidades religiosas, os lugares sagrados e sacralizados, as paisagens sagradas. Além de influências nos aspectos político, econômico, cultural e social.

O sagrado pregado pela Igreja Católica Apostólica Romana contribuiu e vem contribuindo de maneira marcante na formação das cidades amazônicas, desde o período colonial com a criação de vários aldeamentos religiosos com o objetivo de facilitar a catequização dos povos indígenas, até os dias atuais com as influências exercidas por seus espaços sagrados impregnados de simbolismos.

A Amazônia enfrentou dois grandes padrões no contexto espacial, de um lado, o padrão rio – várzea – floresta; e de outro, o padrão rodovia – terra firme – subsolo (GONÇALVES, 2001)³. Nos dois períodos a Igreja Católica esteve presente formando e reconfigurando a paisagem urbana de diversos municípios amazônicos.

A atual configuração das cidades amazônicas é fruto de um processo complexo e dinâmico que remonta ao período colonial com os portugueses sendo os principais responsáveis pelo surgimento de cidades com grandes características europeias. Porém, a Igreja esteve presente na região desde o início da colonização através dos missionários dominicanos, agostinhos, carmelitas, mercedários, franciscanos e os jesuítas que contribuíram significativamente na formação do espaço geográfico amazônico. Partindo desse pressuposto, compreender a formação do espaço urbano de Conceição do Araguaia - PA pressupõe a análise dos processos que configuraram o amplo e complexo espaço amazônico e suas multiplicidades.

O início da ocupação e conquista da Amazônia no século XVII estava pautada na política portuguesa de expansão territorial e soberania lusitana, pois o espaço recém-descoberto era constantemente invadido por outros países interessados no domínio da região. A via de transporte e o único meio de adentrar a região na época eram através dos rios que exerceu importância fundamental no controle do território, ou seja, o controle dos principais rios significaria o domínio do espaço amazônico, haja vista, que os núcleos urbanos surgidos na época localizavam-se as margens dos rios. Os fortes levantados pela força militar da coroa

³ Existem outros termos para designar os padrões espaciais da Amazônia como o de Bertha Becker (2005), beira rio e beira estrada, no presente trabalho optou-se por utilizar o de Carlos Walter Gonçalves (2001), rio – várzea – floresta e rodovia – terra firme – subsolo.

portuguesa ao longo do rio Amazonas e seus afluentes representavam a estratégia de defender os territórios conquistados e afastar as possíveis ameaças estrangeiras.

A fundação da cidade de Belém em 1612 e as sucessivas operações militares que ocorreram após esse fato, demonstra o real interesse dos portugueses no controle e na expansão de suas fronteiras. A política de domínio e ocupação fez surgir os primeiros núcleos de povoamento que se difundiram pela Amazônia, alguns dos povoados desse período encontram-se hoje como centros urbanos. A consolidação dos núcleos de povoamento e o contato com a natureza possibilitaram o descobrimento de drogas e especiarias que despertaram o interesse da coroa portuguesa em explorar os recursos naturais da região, isso contribuiu para o surgimento de outros núcleos de povoamento.

Com o domínio do território os portugueses procuraram durante todo o período colonial diversas maneiras de manter e fortalecer, tanto no aspecto demográfico quanto no econômico, os núcleos de povoamento para garantir a subsistência dos mesmos. Para isso foram adotadas estratégias de povoamento com povos oriundos de Portugal, primeiramente famílias da ilha de Açores e posteriormente com aventureiros e criminosos de toda espécie que seriam responsáveis pelo desenvolvimento da lavoura na Amazônia.

Neste cenário as missões religiosas contribuíam no controle dos povos indígenas que habitavam a região, onde as ações missionárias neste período estavam voltadas exclusivamente para a educação religiosa dos povos pré-existentes, almejando a transformação dos índios em cristãos e o convívio amigável dos mesmos com os colonizadores, defendendo ao máximo os indígenas das investidas lusitanas em escravizá-los. Porém, a influência da igreja começa a mudar com ações de caráter econômico, visando não apenas recursos para a catequese, mas buscando condições de formar os futuros missionários na própria região, obra que não poderia ser realizada sem recursos.

Como afirma Signes (2011) o início da expansão da colonização na América estava marcado pela divisão entre dois agentes fundamentais, por um lado, o Estado sendo responsável pelas políticas de conquista e povoamento, de outro, a Igreja estando a cargo do “controle de almas”⁴ dos povos que habitavam o território recém-descoberto. As relações entre essas duas instituições variavam, encontrando casos em que o Estado era subordinado a Igreja, pois algumas ordens religiosas possuíam certa autonomia em relação ao poder estatal, destacando-se a Companhia de Jesus que seguia sua própria constituição.

⁴ Domínio da Igreja sobre os povos indígenas para facilitar o processo de colonização.

Neste período vários aldeamentos religiosos⁵ foram criados com o deslocamento de diversos povos indígenas para essas áreas, esse processo trouxe uma grande mudança na composição étnica e cultura da Amazônia com inserção de costumes europeus até então desconhecidos pela população pré-existente na região.

As missões religiosas tiveram como principal objetivo espalhar os princípios fundamentados do ministério de Jesus Cristo, divulgando o evangelho cristão e o modo de vida europeu para todo o mundo, a fim de transformar a maior quantidade de pessoas em fiéis do catolicismo (BRUST, 2007). No entanto, ao se instalarem em comunidades as ações dos missionários ultrapassavam a simples pregação da palavra, compreendendo a transformação da vida da população local, perpassando os aspectos social, econômico, educativo e entre outros.

Com o decorrer do tempo os religiosos perceberam que o formato das missões não estava alcançando os objetivos esperados, surge com isso a necessidade de uma nova forma de catequizar os índios, criam-se a partir de então os chamados aldeamentos. Este sistema consistia em agrupar os índios e os religiosos em um único território, onde os indígenas deveriam seguir as leis e os costumes dos missionários europeus. Os aldeamentos se localizavam próximos aos povoados portugueses com os índios sendo encaminhados de maneira espontânea ou através do uso da força para o convívio com os padres.

A implantação das aldeias jesuítas trouxe a necessidade de construir residências para a instalação e fixação dos missionários e índios, desse modo, a Igreja além da importância espiritual passa a ter contribuição material importante, possuindo papel de destaque na formação das primeiras cidades amazônicas. Para Signes (2011) na consolidação dos aldeamentos as fazendas jesuítas tinham papel fundamental, pois através delas os religiosos retiravam os alimentos para o seu sustento. Além do seu caráter econômico as fazendas eram verdadeiros núcleos de povoamento, possuindo grande quantidade de trabalhadores para atender a demanda de alimentos dos aldeamentos.

Os índios que eram educados e civilizados para o convívio e a subordinação ao Estado e principalmente a Igreja serviam de mão de obra nos aldeamentos e nas fazendas jesuítas, isso fez com que grande parte dos portugueses não concordasse com as aldeias jesuítas afirmando que os religiosos estariam usando os índios como escravos em prol deles, e

⁵ Uma espécie de povoado comandado pelos missionários religiosos onde se catequizavam os índios com maior êxito.

ao mesmo tempo barrando as investidas lusitanas contra os mesmos. Segundo Signes (2011) os aldeamentos possuíam três grandes funções:

Práticas religiosas, desempenho das atividades econômicas e o que chamamos de lazer. Com relação a este lazer destacasse que em todo tipo de atividade era visível à presença do cristianismo. Além disso, os aldeamentos também possuíam um cunho militar, já que os indígenas defendiam o espaço colonial de tribos hostis aos jesuítas e as invasões estrangeiras (2011, p. 9).

131

Os religiosos também usavam a estratégia de agregar alguns valores e costumes dos índios nos aldeamentos com o objetivo de facilitar a aceitação de conversão e a fixação dos mesmos nesse novo espaço. No entanto, a transformação da cultura dos povos nativos acontecia de forma demasiada, o que gerou a extinção de várias comunidades indígenas, assim como seus costumes e crenças. No centro dos aldeamentos geralmente em um ponto elevado eram construídas as Igrejas, não existia ainda um modelo urbanístico a ser seguido, mas as estruturas simples dos templos se assemelhavam as encontradas em Portugal (SIGNES, 2011). Esses povoados então cresciam em torno da “Matriz” com as residências ao entorno desde principal símbolo de poder da Igreja sobre o espaço.

Para o êxito dos religiosos na Amazônia, assim como em todo o território nacional, a catequese representou sua principal arma para a conversão dos índios, ensinando-lhes os dogmas cristãos e o estilo de vida europeu. Sendo que através do batismo o índio se tornaria filho de Deus e alcançaria o céu, e os que não recebessem este sacramento da Igreja católica estariam condenados ao inferno. Neste cenário, os religiosos priorizavam a catequização das crianças, haja vista, que eram de mais fácil controle, onde a simples convivência com os missionários possibilitava a conversão ao catolicismo e ao modo de vida europeu, diferentemente do que acontecia com os adultos enfrentando algumas resistências, pois os mesmos não aceitavam de imediato a ideia de transformação de seus costumes e crenças.

Além de se preocupar com a catequização dos povos indígenas os missionários jesuítas enfrentavam diversos conflitos contra os colonizadores portugueses, pois estes viam na mão-de-obra indígena a única fonte de trabalho do novo território, enquanto os religiosos se negavam entregar os índios para serem escravizados. Isso provocou vários tumultos entre Igreja e Estado, até Portugal em 1759 decretar a expulsão dos missionários jesuítas da colônia. Segundo Alves (1979) “possuíam eles, só nas margens do Madeira, em pleno coração da Amazônia, vinte e oito missões florescentes”. Em pouco mais de um século em território amazônico os jesuítas demonstraram uma grande força na transformação sócio-espacial com surgimentos de diversas aldeias no interior da floresta, que se encontra hoje transformada em

cidade com traços deste período. Cabe ressaltar que as outras ordens religiosas desempenharam sua respectiva importância no contexto colonial amazônico.

É lícito registrar a ação dos missionários, sobretudo os jesuítas, não só no cenário cultural europeu e sobre os povos amazônidas, como também na origem dos núcleos urbanos regionais. Chegando à Amazônia em 1630, os jesuítas portugueses administraram 28 aldeias até 1655. Em 129 anos, até sua expulsão em 1759, a Companhia de Jesus deu origem a 24 cidades na Amazônia, os carmelitas a 17, os capuchinhos a 21 e os mercedários a seis (SILVA, 2004, *apud* (BECKER, 2013).

132

A origem do município de Conceição do Araguaia situado no Sudeste do Estado do Pará é fruto de uma dessas missões religiosas destinadas à catequização dos índios no interior da Amazônia realizados através dos missionários dominicanos oriundos da França. A cidade surge como aldeamento religioso com a fixação de padres e o deslocamento de diversos índios para essa localidade para o convívio com os religiosos.

O ADVENTO DOS RELIGIOSOS E O INÍCIO DA URBANIZAÇÃO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

A CHEGADA DOS MISSIONÁRIOS RELIGIOSOS: OS DOMINICANOS

Conceição do Araguaia nasce como povoado e município da relação entre cristãos na figura dos dominicanos e índios na predominância Karajá e Kayapó, onde os primeiros se localizavam as margens do rio Araguaia e o segundo habitavam mais ao continente do território. O padre dominicano Frei Gil de Vila Nova ao navegar pelo Araguaia junto com sua equipe de missionários decidiu implantar em 14 de Abril de 1897 um aldeamento religioso a oeste do rio. Segundo o atual bispo da Diocese de Santíssima Conceição do Araguaia, Dom Dominique You, ao desembarcar Frei Gil de Vila Nova ergueu os olhos e pronunciou “aqui vamos plantar a Cidade da Virgem Imaculada Conceição!” começando, assim, a evangelização e a formação de um espaço urbano no interior da região amazônica.

No entanto, segundo Ianni (1978) a área onde se fundou Conceição do Araguaia já era conhecida por outros exploradores, sendo até mesmo construído um presídio na outra margem do rio um pouco acima da futura Conceição do Araguaia. Porém, os habitantes desse local foram atacados e expulsos pelos índios que povoavam a região. Outra constatação que a região da instalação de Frei Gil de Vila Nova não era totalmente desconhecida estava nos relatos feitos pelo explorador francês Henri Coudreau que percorreu os principais rios a serviço do governo do Estado do Pará com o propósito de conhecer o território devido ao

acelerado desenvolvimento na exploração da borracha, pois a região amazônica vivia neste período um grande crescimento econômico impulsionado pela extração do látex.

Ao sul de onde viria a se fundar Conceição do Araguaia Henri Coudreau constatou a existência de um pequeno povoado que abrigava algumas famílias na predominância de pequenos criadores de gado. A vila de Barreira de Santana, assim denominada nos relatos mencionados pelo explorador, além da pecuária possuíam outras práticas econômicas como a agricultura para abastecer a própria vila e a coleta do látex. Segundo o mesmo esta vila sofria com constates inundações, onde a população tinha que se deslocar para outras áreas, adentrado ainda mais a floresta.

Frei Gil de Vila Nova antes de chegar ao local onde seria erguida Conceição do Araguaia se relacionou com os habitantes da Vila de Barreira de Santana e os índios da proximidade. Somente depois da autorização de seus superiores dominicanos da Europa concedendo a liberdade de escolher um ponto na margem direita do rio Araguaia para a catequização da população nativa existente na região que Frei Gil de Vila Nova instalou o aldeamento religioso denominado de Conceição do Araguaia, o nome foi uma homenagem do fundador a Nossa Senhora da Conceição e ao rio Araguaia que o acompanhou durante praticamente toda a viagem no interior da Amazônia.

O lugar escolhido possui elevação suave, sendo uma área relativamente plana com pouca incidência de serras e morros as margens do rio Araguaia facilitando a ocupação dos missionários e índios. Com a fundação do aldeamento religioso Frei Gil de Vila Nova convenceu os sertanejos de vila Barreira de Santana, além de algumas comunidades indígenas a se transferirem para o local argumentando ser uma área livre de inundações, tornando-se assim um bom lugar para a morada, cultivo e criações de animais (IANNE, 1978).

Gallais (1942) apud Almeida (2011) faz uma pequena narração da chegada de Frei Gil de Vila Nova e a fundação da Catequese e de Conceição do Araguaia:

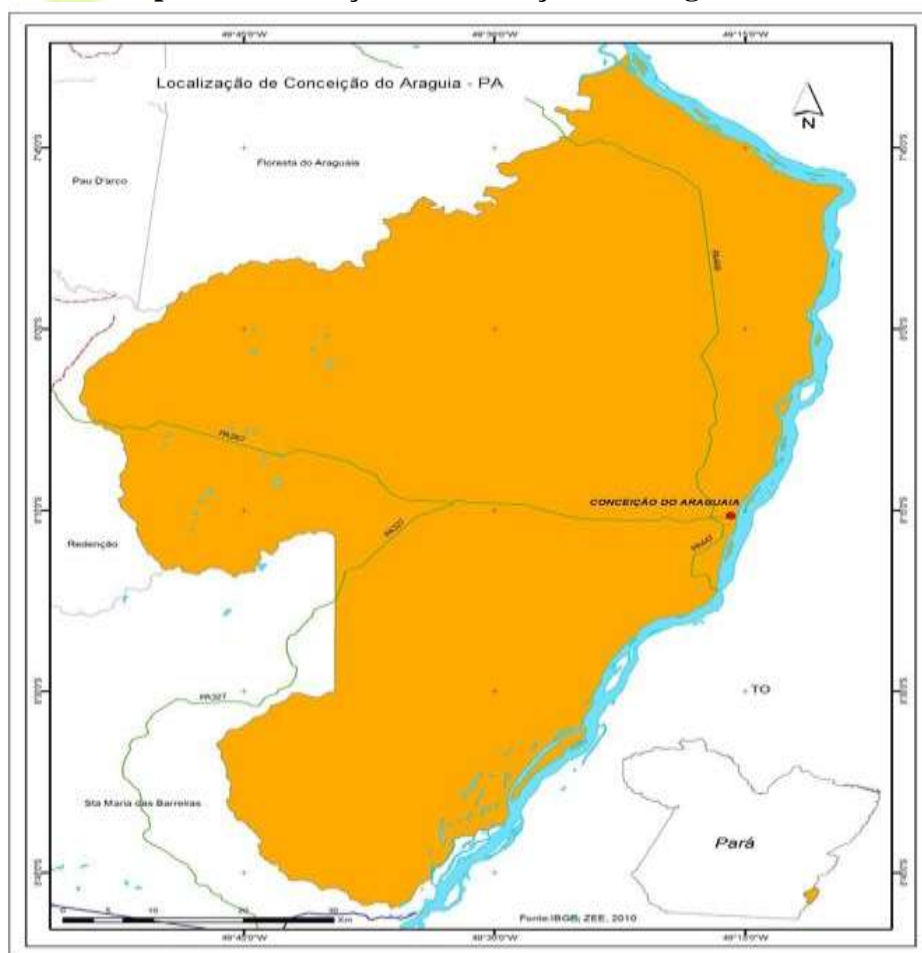
Aproveitando as indicações que lhe tinham sido dadas, o padre Vilanova tocou-se para lá (local indicado por Henri Condreau), com alguns homens dedicados (de Barreira de Santana) em procura do lugar com que sonhava para sua cara catequese. Logo achou, à margem esquerda do rio, a longa série de taludes elevados de que lhe falara Condreau. Estavam pelo menos dois metros acima do máximo que as águas da maior enchente haviam atingindo... Havia ali pertinho matas próprias para todas as culturas que quisessem fazer... também os homens de Barreira que o acompanhavam acharam tudo de seu agrado e prometeram-lhe acompanhá-lo para a formação do núcleo que deveria chamar-se mais tarde Conceição do Araguaia... Estava-se em tempo seco, a mais bela estação, e isso permitia que se acampasse ao ar livre. Instalaram-se debaixo de uma grande árvore, aos pés da qual o padre celebrou missa, árvore essa que foi conservada como uma recordação... E foi para lhe dar um penhor seguro contra as vicissitudes do futuro que, inspirando-se na fé da sua

infância, colocou sua nova obra sob a proteção da Imaculada Conceição (ALMEIDA, 2011, p. 12).

Dessa forma, surgiu o núcleo inicial de Conceição do Araguaia da relação de cristãos e índios sob o comando dos religiosos dominicanos. Segundo Luz (2004) chegando ao local onde seria Conceição do Araguaia uma das primeiras ações de Frei Gil de Vila Nova foi celebrar uma missa realizada em baixa de um pequizeiro, árvore típica do cerrado brasileiro, repetindo o gesto histórico de Frei Henrique de Coimbra⁶ no momento da descoberta do Brasil.

134

Mapa 1: Localização de Conceição do Araguaia – PA



Fonte: IBGE, ZEE (2010).

Segundo enfatiza Ianni (1978) “a fundação de Conceição do Araguaia, portanto, inseriu-se numa trama das relações sociais – esgarçadas, mas reais e em desenvolvimento – polarizadas em torno de bens espirituais e materiais”. Os missionários dominicanos estavam

⁶ Frei Henrique de Coimbra fazia parte da frota de Pedro Álvares Cabral na descoberta do Brasil, foi o primeiro a celebrar uma missa em território brasileiro.

predominantemente empenhados em catequizar os índios da região, porém tiveram que inevitavelmente dedicar-se também as questões ligados ao trabalho voltado para a terra, isto é, além da evangelização tiveram ainda a preocupação com a subsistência da população local, bem como suas próprias manutenções no novo aldeamento. Para isso Frei Gil de Vila Nova atrai para o local onde estavam fixados os sertanejos espalhados pelas margens do rio Araguaia para desenvolverem atividades voltadas para a agricultura e pecuária, dessa forma constituem-se os primeiros habitantes e as primeiras atividades econômicas de Conceição do Araguaia.

A partir da ajuda dos sertanejos e índios os missionários religiosos levantaram as primeiras edificações como igreja, casarão, convento e barracão que serviu como escola para os habitantes, em especial as crianças, é verdade que construções bem grosseiras devido à realidade local, mas foram essas que deram suporte para o desenvolvimento do aldeamento religioso através da instalação de diversos religiosos e religiosas responsáveis por colaborarem com a catequese. Além do auxílio nas edificações dos missionários os índios e sertanejos construíram as próprias residências localizadas no entorno dos religiosos.

Os índios do aldeamento de Conceição do Araguaia estavam em constante vigilância para que abandonassem os costumes considerados impróprios pela doutrina cristã, neste sentido, os padres enfrentavam diversas resistências por parte dos adultos na mudança de determinados hábitos enraizados por sua própria cultura, por isso davam atenção especial à catequização das crianças por serem de mais fácil manipulação, chegando a alguns casos retirar essas crianças indígenas da convivência dos seus próprios pais e introduzindo-as no convívio com os missionários para aderirem os costumes e cresças dos mesmos. Com essa estratégia buscavam extinguir a cultura indígena de maneira espontânea dentro de algumas gerações e assegurar a difusão do modo de vida europeu.

A cristianização dos índios Karajá e Kayapó passava também pela inserção dessa força de trabalho nas lavouras e nas demais atividades extrativistas e pecuaristas, dessa forma, junto com o núcleo de Conceição do Araguaia nascia uma economia extrativista e de subsistência que mantinha uma difícil e árdua ligação com o comércio de Belém, sendo utilizados os rios Araguaia e Tocantins como via de escoamento dos produtos o que impossibilitava uma relação mais constante e consistente com a capital do Estado devido a grande distância entre ambas.

O contínuo crescimento dos encargos espirituais e materiais do povoado de Conceição do Araguaia tornou necessária a vinda de outros missionários religiosos, neste caso as missionárias dominicanas, entra em ação neste contexto o trabalho das irmãs religiosas empenhadas tanto no aspecto espiritual quanto no educacional dos habitantes locais. Isso contribui para os padres dominicanos se empenharem ainda mais no desenvolvimento do comércio material articulado através dos sítios com plantações alimentícios, criações de bovinos e extração da borracha.

Os fluxos migratórios para o aldeamento de Conceição do Araguaia era cada vez mais constantes impulsionados pelas atividades econômicas especialmente a extração da borracha, entretanto, segundo Ianne (1978) a evangelização desses migrantes acontecia de maneira secundária, pois para os missionários a principal importância era a catequização dos índios, afinal foi com esse objetivo que Conceição do Araguaia tinha sido fundada.

Com o crescimento de “cristãos”, ou seja, comerciantes e fazendeiros, o contato desses com os índios se ampliaram, essa relação caracterizava-se pelos interesses dos “cristãos” em absorverem a mão-de-obra indígena em atividades econômicas, como o extrativismo. Até mesmo os índios que se encontravam afastado do aldeamento religioso de Conceição do Araguaia eram envolvidos nesta relação social, a grande maioria dos indígenas foram explorados para a realização de trabalhos exaustivos em troca de pequenas garrafas de cachaça, um punhado de sal, rapaduras ou ferramentas e roupas novas. Neste contexto, houve um grande declínio da população indígena na região ocasionado pelas atividades subumanas que eram submetidos e pelas doenças desconhecidas pelas comunidades indígenas transmitidas pelos “cristãos” oriundos de outras localidades.

Assim, a catequese em Conceição do Araguaia se desenvolvia com desafios de retirar os índios de seu estado de selvagens conduzindo-os para atividades econômicas e políticas da Igreja, entre cooperação e conflitos os missionários dominicanos e os “cristãos” migrantes atraíam e submetiam os índios as atividades materiais e espirituais que lhes interessavam (IANNE, 1978).

Conforme afirma Ianne (1978) na medida em que se cristianizavam os índios, cristianizava-se também a natureza transformando-a em condição e produto das relações sociais:

Ao mesmo tempo que se cristianizava o índio, cristianizava-se a natureza; transformava-se a natureza em elementos da sociedade, em condição e produto das relações sociais; da economia política do lugar. A busca de drogas do sertão, do látex, de animais, aves, peixes, lenha, madeira, raízes, frutos; a formação de centros

e margens, seringais e cauchais, roças e criações, sítios e fazenda; a construção de igrejas, casas, choças, tipiris, barracões, casas de comércio, ranchos, depósitos, cadeiras, prostíbulos; de ruas, caminhos, estradas, trilhos; de arraiais, freguesias, povoados, vilas, cidades; muitas e diversas foram as transformações da natureza, pelo trabalho dos homens. Estavam em curso de apropriação da natureza: matas, águas, terras, etc., pelos homens. Ao formar-se ali a sociedade dos homens cristãos, leigos, religiosos e convertidos, a própria natureza transformava-se em condição e produção das relações sociais. A natureza se transformava em história. (1978, p. 26).

137

O continuo crescimento populacional e espacial de Conceição do Araguaia trouxe grandes transformações gerando várias dificuldades para a evangelização e o controle do território por parte dos missionários dominicanos, a partir de então a Igreja Católica desenvolver algumas ações visando o domínio da situação. Neste cenário, vieram vários religiosos e religiosas para contribuir no comando da área, dessa forma, buscaram fortalecer a Igreja Católica inclusive no aspecto material com a obtenção de grandes extensões de terras. Com a expansão da exploração da borracha os índices populacionais e econômicos de Conceição do Araguaia se elevaram exorbitantemente para os padrões da época, consequentemente a economia do local passa a ser dominada pelo caucho. Segundo Shmink (2012) foram descobertas árvores de caucho nas proximidades e o município que tinha 2 mil habitantes em 1902 passou a possuir uma população de cerca de 6 mil habitantes em 1911, em menos de uma década a população dobra de tamanho.

O CRESCIMENTO ECONÔMICO E AS ATITUDES DA IGREJA PARA MANTER O DOMÍNIO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

O crescimento do fluxo econômico gerado pela borracha acelerou as relações sociais e comerciais em Conceição do Araguaia promovendo novas configurações ao espaço urbano, centenas de migrantes chegavam a todo o momento, oriundos predominantemente dos estados de Goiás, Maranhão e Piauí. Desse modo, Conceição do Araguaia tornou-se um dos mais importantes centros de extrações do látex no Estado do Pará e na Amazônia, segundo Ianne (1978) apud Almeida (2011) “era um movimento incessante de tropas chegando de vários recantos do Brasil e mesmo de países estrangeiros”. A vida social e econômica de Conceição do Araguaia transforma-se rapidamente alterando a paisagem urbana e os costumes da população. Ocorreu a inserção de várias lojas e comércios de alimentos, bebidas e objetos de luxo, bem como um comércio voltado para a exploração sexual. A vida até então pacata e rural dos habitantes locais transformam-se em agitadas noites com orgias e bebedeiras. A

população indígena também estava severamente envolvida neste processo através da exploração da mão-de-obra e assimilação dos vícios e doenças transmitidos pelos migrantes.

O sonhado aldeamento religioso fundado por Frei Gil de Vila Nova tem suas relações e estruturas políticas e econômicas modificadas, onde o controle absoluto escapou das mãos dos missionários dominicanos. Esse fato se concretiza com a efetivação formal de Conceição do Araguaia como município paraense, dessa forma constituir-se um poder político-administrativo, formalizando como isso a arrecadação e administração da área, haja vista, que por ser uma área limítrofe entre o Estado do Pará e até então Estado do Goiás buscava-se garantir a soberania sobre território. O Governo do Estado do Pará se apressou em elevar Conceição do Araguaia a município para garantir seus direitos sobre o local, pois por diversas vezes o Estado de Goiás reivindicou o controle das duas margens do rio Araguaia.

Os missionários dominicanos, isto é, a Igreja Católica não assistiu passiva a este processo de transformação social e espacial de Conceição do Araguaia, é fato que se multiplicaram e tornaram-se mais complexas as tarefas dos padres e freiras, além de cristianizar os índios preocupava-se a partir de agora em manter o que pregavam neste novo ambiente gerado pelo império da borracha e pelo poder político-administrativo, para isto os dominicanos buscaram se fortalecer aumentando o contingente de missionários religiosos e criando a prelazia da Santíssima Conceição do Araguaia que teve como primeiro bispo Dom Domingos Carrerót substituto de Frei Gil de Vila Nova após sua morte, isso se tornou um marco para a consolidação do poder da Igreja Católica sobre a região.

Após a criação da prelazia outro grande marco para a consolidação do poder da Igreja Católica na configuração sócio-espacial de Conceição do Araguaia foi à construção da Igreja Matriz, elaborada em estilo gótico europeu pelo arquiteto francês Frei André Blatgé. Essa construção durou aproximadamente dezessete (17) anos, onde a mão-de-obra utilizada na grande maioria foram dos índios civilizados pela igreja, porém essa obra contou com a colaboração da força de trabalho de sertanejos e migrantes fiéis, além dos próprios padres e irmãs dominicanas que por muitas vezes carregaram pedras enormes para o local escolhido de instalação da Igreja Matriz. Devido à falta de recursos financeiros grande parte do material utilizado foi extraída da própria região como pedras calcárias, argila e madeira retirada da mata virgem, onde toda a matéria prima recebia supervisão do Frei e arquiteto André Blatgé. Para Luz (2004) a construção da Igreja Matriz tornou-se uma grande escola para os habitantes

que colaboraram com sua força de trabalho, pois após o término da obra esses trabalhadores estavam preparados para a construção de residências na cidade.

A construção da catedral de Nossa Senhora da Conceição caracterizou-se como sendo uma das maiores e mais bela obra arquitetônica da região amazônica deste período. A inauguração da Igreja Matriz ocorreu em 1934 quando segundo Gallais (1942) apud Almeida (2011) o elaborador do projeto arquitetônico, Frei André Blatgé, profundamente emocionado, pronunciou: “Imaculada Conceição! recebi a vossa igreja, fonte de fé e de amor de seus filhos, que há 17 anos trabalharam para vos oferecer uma morada digna...”. Dessa maneira estava concretizado o maior símbolo de poder da Igreja Católica sobre a espacialidade do município de Conceição do Araguaia.

A catedral de Nossa Senhora da Conceição foi levantada na área central de Conceição do Araguaia deixando ainda mais evidente, que apesar do surgimento e crescimento dos outros agentes que formam o espaço urbano e a perda do controle hegemônico por parte da Igreja Católica, existia ainda um grande modelador da paisagem urbana que durante o surgimento e expansão do espaço urbano de Conceição do Araguaia esteve e está presente de maneira ativa na configuração e transformação do conteúdo e da forma urbana deste histórico município.

A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA NO CONTEÚDO E FORMA URBANA DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-PA

O município de Conceição do Araguaia desde sua fundação até meados da década de 1970 vivenciou o ritmo determinado pelos rios Araguaia e Tocantins. Neste período o espaço urbano do município limitava-se as margens e proximidades do rio Araguaia devido o cotidiano da população urbana ser intimamente ligado ao rio, seja para a escoação da produção agrícola ou atividades econômicas relacionadas à pesca. Neste cenário a Matriz da Igreja católica localizava-se no centro da cidade, estando à população urbana organizada em torno dessa grande obra arquitetônica.

Neste sentido, a primeira produção de uma centralidade em Conceição do Araguaia ocorre a partir da ação desse importante agente histórico de produção do espaço urbano, onde o estímulo a circulação de pessoas nesta área era constante através da obrigatoriedade de participação nas missas aos domingos, além de realizações de batizados, casamentos, festas religiosas e etc. Para Corrêa (1995) a área central apresenta-se como o principal ponto de

concentração de atividades comerciais e serviços, sendo caracterizado por sua grande influência sobre as demais áreas da cidade. Desse modo, a Igreja Católica apresentava-se como um importante instrumento de atração demográfica. Nesta perspectiva, as ações ultrapassam a perspectiva espiritual desenvolvendo papel imprescindível no contexto material através da construção de hospital, escola, seminário, salões e Igrejas que prestavam serviços fundamentais para a sociedade Concepcionense.

A Localização da Igreja Matriz no centro da cidade de Conceição do Araguaia foi fruto de um projeto urbano realizado pelos missionários dominicanos, essa grande obra inserido no núcleo central apresentava-se como o maior símbolo de poder sobre o espaço por parte da Igreja católica. Esse projeto urbano iniciou-se com o fundador Frei Gil de Vila Nova com a abertura das primeiras ruas e construção das primeiras residências, sendo continuado por seus sucessores os bispos Dom Domingos Carrerót e Dom Sebastião Thomáz.

O projeto urbano de Conceição do Araguaia realizado pelos missionários religiosos para os padrões da época era ousado e desafiador, para isso contou com o auxílio dos índios e sertanejos habitantes da região, sem essa mão-de-obra seria praticamente impossível a efetivação desse projeto. Seguindo as influências dos missionários europeus a cidade foi sendo erguida de maneira planejada surgindo os primeiros bairros como Canudinho e Capelinha que mantém sua estrutura original até os dias atuais.

Mapa 2: Expansão do Espaço Urbano de Conceição do Araguaia-PA



Fonte: Google Earth, Adaptado por Wanderson Carvalho, 2014.

O projeto urbano elaborado e desenvolvido pelos religiosos serviu de suporte para a posterior expansão do espaço urbano de Conceição do Araguaia, pois a partir da década de 1970 com a abertura das rodovias PA 477, PA 287, PA 449 e a construção da ponte sobre o rio Araguaia os fluxos de pessoas e mercadorias se intensificaram gerando um rápido crescimento urbano no município. Com a mudança do padrão de organização espacial o espaço urbano segue em direção à rodovia com vários bairros originados através de ocupações irregulares. Nesse contexto, o papel da Igreja católica sofre uma grande redução na organização espacial devido não conseguir acompanhar o ritmo de aparecimento de novos bairros.

No entanto, o legado histórico deixado pelo projeto urbano desenvolvido pelos primeiros missionários contribuiu decisivamente para a atual forma e conteúdo do espaço urbano de Conceição do Araguaia. Segundo Corrêa (1995) a organização espacial da cidade não é reflexo apenas do presente, mas também das vivências do passado encontradas atualmente na espacialidade carregada de significados.

A missão dominicana ultrapassou a barreira espiritual com a simples catequização dos índios, proposta inicial de Frei Gil de Vila Nova, exercendo uma contribuição fundamental para a consolidação do espaço urbano de Conceição de Araguaia. O projeto urbanístico planejado pelos missionários dominicanos apresentava forte ligação europeia, onde as construções desse período possuíam grande influência dos padres franceses, o maior exemplo é a própria Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição construída em estilo gótico europeu.

A partir de 1970 com a abertura da rodovia PA 447 Conceição do Araguaia se expandiu em direção a essa rodovia, reorganizando o espaço urbano até mesmo com o surgimento de uma nova centralidade. Desse modo, a Igreja Matriz deixa de se localizar no centro e passa a situar-se a nordeste da cidade. Esse processo distancia espacialmente a Igreja Católica dos Cristões, é a partir de então que surgem pequenas Igrejas católicas ligadas a Matriz de Nossa Senhora da Conceição que são denominadas de “Capelas”. Essas pequenas Igrejas são instaladas no início dos novos bairros seguindo a mesma lógica da matriz buscando uma localização central para alcançar o maior número de pessoas, entretanto, com o crescimento dos bairros acontece o mesmo processo ocorrido com a matriz, deixando de localizar-se no centro dos bairros.

Existe uma complexidade nas ações dos agentes que expressam suas ideologias, condicionando a produção e reprodução do espaço urbano, desse modo caracterizando-se como um ser social espacialmente diferenciado (CORRÊA, 2013). Neste sentido, a atual paisagem urbana de Conceição do Araguaia revela características marcantes da presença da Igreja católica como um dos principais agentes que desde a fundação da cidade está presente contribuindo historicamente na formação sócio-espacial. Nas duas entradas da cidade foram implantadas imagens referentes à fé católica, enfatizando com isso a forte influência no arrancho espacial, ao chegar à cidade logo se constata a consolidação do poder desse agente sobre o espaço.

A população de Conceição do Araguaia apresenta-se fortemente ligada a Igreja Católica apesar da inserção de outras ordens religiosas no município. Neste sentido, enquanto agente de reprodução social e espacial desempenha um papel que vai além das ações dos padres e freires, estando presente nas ações de seus fiéis, haja vista, que muitas pequenas Igrejas Católicas as denominadas “Capelas” foram erguidas e comandadas por fiéis, evidentemente com diretrizes e normas gerais do catolicismo.

A forte influência desse agente sobre os habitantes locais é fruto de um processo histórico marcado por ações dos missionários religiosos, não apenas no contexto espiritual através da evangelização, mas também na grande contribuição material exercida em Conceição do Araguaia. Até a década de 1970 a Igreja Católica manteve sua hegemonia sobre os demais agentes que formam o espaço urbano, entretanto, com a abertura da rodovia e o acelerado crescimento urbano, ocorre um declínio na participação desse agente na formação espacial de Conceição do Araguaia.

Portanto, esse agente de reprodução espacial desempenhou papel fundamental na formação histórica e territorial de Conceição do Araguaia, pois a cidade surgiu e cresceu em torno da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, contribuindo na formação da paisagem urbana e transformação cultural e econômica.

A Igreja Católica obteve participação fundamental e inquestionável na origem, expansão e organização do espaço urbano de Conceição do Araguaia. Porém, cabe ressaltar que na atualidade apesar da diminuição da atuação na formação urbana, o legado histórico e as ações do presente realizado por este agente é imprescindível para o entendimento da dinâmica sócio-espacial do município de Conceição do Araguaia.

CONCLUSÕES

A Igreja católica desempenhou um papel imprescindível para a atual forma e conteúdo de conceição do Araguaia, onde a paisagem urbana revela traços importantes da contribuição desse agente na formação espacial. As ideologias defendidas pelo catolicismo alicerçou boa parte da construção de Conceição do Araguaia e apesar do seu enfraquecimento permaneceu o legado histórico de ações fundamentais para o advento de um espaço urbano que até hoje mantém suas estruturas, encontradas nos bairros antigos, que ofereceu suporte para a posterior expansão da cidade.

Entender a configuração urbana requer uma análise profunda dos agentes que fazem e refaz esse espaço, por isso a necessidade de compreender a influência da Igreja Católica que desde a fundação e até os dias atuais contribui para a formação social e espacial de Conceição do Araguaia. É fato que em determinados períodos com maior intensidade que em outros, porém esteve presente durante todo o processo de formação do município.

Como já foi dito, a Igreja Católica ultrapassa a barreira espiritual e atual significativamente no contexto material através de construções como Igrejas, escolas, hospitais, seminários e residências, dessa maneira, inicia-se o espaço urbano de Conceição do Araguaia com o surgimento dos primeiros bairros planejados e erguidos pelos missionários dominicanos com o apoio dos índios e sertanejos habitantes da região. Esse núcleo urbano inicial foi de fundamental importância para a expansão urbana ocorrida pós 1970 a partir da abertura das rodovias.

Portanto, a influência da Igreja católica enquanto agente de reprodução sócio-espacial está explícito através dos primeiros bairros que mantém suas características originais, entretanto, essa influência ocorre também a partir do surgimento de espaços sagrados carregados de simbolismos que modifica e transforma as estruturas urbanas de Conceição do Araguaia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. **O entroncamento como forma espacial no urbano em área de fronteira: caso do Km 06**, Marabá-PA. 2002. 95 f. Universidade Federal do Pará. Marabá-PA, 2002.
- ALMEIDA, Manoel. **Revelando o rosto de Deus na terra das “bandeiras verdes”**. Conceição do Araguaia, 2011.

ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja e a Política no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

BECKER, B. K. . **Geopolítica da Amazônia**. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n.53, p. 71-86, 2005.

_____. **Revisão das Políticas de Ocupação Amazônica: É Possível identificar Modelos para projetar Cenários?. Parcerias Estratégicas (Brasília)**, Brasília, v. 12, p. 135-159, 2001.

_____. **Significados da Defesa da Amazônia: Projeto Geopolítico ou Fronteira Tecno(Eco)lógica para o Século XXI?. ANTROPOLOGIA E INDIGENISMO**, Rio de Janeiro, v. 1, 1990.

_____. **A urbe amazônica: a floresta e a cidade**. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **Dinâmica Urbana na Amazônia**. In: DINIZ, C. C; LEMOS, M.B. (Org.). **Economia e Território**. Minas Gerais: UFMG, 2005.

CARLOS, A. F.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, E. B. (orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão**. 1. Ed. 2ª reimpressão. São Paul: Contexto, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (orgs). **Olhares Geográficos: modo de ver e viver o espaço**. In: ROSENDAHL, Zeni. **O sagrado e sua dimensão espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 73-99.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (orgs). **Olhares Geográficos: modo de ver e viver o espaço**. In: CORRÊA, R. L. **Espaço e simbolismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 133-153.

CONDURÚ, M.; MOREIRA, M. **Produção científica na universidade**. 2ª ed. Belém: Eduepa. 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995 (Série Princípios).

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. **Amazônia, amazônias**. 3º.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

IANNI, Otávio. **A Luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LEFEBVRE, H. De l'État. Paris: Antropos, 1978.

LÊNIN, V.I., **As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo**, em Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1977.

LUZ, Isaú Coelho. **Rastros e pegadas**. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2004.

MITSCHEIN, T. A.; MIRANDA, Henrique; PARAENSE, Mariceli. **Urbanização Selvagem e Proletarização Passiva na Amazônia: O caso de Belém**. Belém: CEJUP, 1989.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1997 (Série Repensando a Geografia).

_____. **Produção e Consumo do e no Espaço: Problemática Ambiental Urbana**. 1º.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Pobreza Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SHMINK, Mariane & Wood, Charles H. **Conflitos e a formação da Amazônia**. Belém: ed. UFPA, 2012.

SIGNES, A. F.; Aline da Costa Silva ; BLANCO, A. L. ; ARAUJO, A. L. A. ; AZEREDO, D. E. ; OLIVEIRA, G. S. C.; ALEXANDRE, M. L. B. S. ; OMENA, L. G. S. ; BASTOS, S. S. . Apóstolos divinos ou da coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai.. In: Graciela Bonassa Garcia. (Org.). **Perspectivas históricas de uma mesma América**. 2011, v. p. -.

SOUZA, Carlos Augusto da Silva. **Urbanização da Amazônia**. Belém: UNAMA, 2000 (Série Relatórios de Pesquisa).

TAVARES, Maria Goretti da Costa. **A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29 - Especial, p. 107-121, 2011.

_____. **A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios**. Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.59-83.

Artigo Recebido em: outubro de 2014.
Artigo Aprovado em: dezembro de 2014.